

**Manifesto do Partido Operário Revolucionário****Rio de Janeiro, 520 mortos:
Uma tragédia do capitalismo**

Um dilúvio desabou sobre o Rio de Janeiro. Inundou as cidades serranas de Nova Friburgo, Teresópolis, Petrópolis e Sumidouro. Até o momento, contabilizam-se 520 mortos, milhares de desaparecidos, desabrigados e feridos.

A tragédia obriga explicações. Lá vêm os jornalistas, os especialistas, políticos da burguesia e governos com as justificativas de que a catástrofe humana se deve ao gigantesco índice pluviométrico, à falta de previsão meteorológica, a inação das autoridades locais, a incapacidade do governo federal de investir na infra-estrutura urbana, no dinheiro não aplicado, no oportunismo dos políticos que apóiam as ocupações desordenadas do solo, no aumento das áreas de risco etc. Tudo isso tem a ver com as casas soterradas e arrasadas pelas correntezas.

De fato, um aumento da densidade da chuva de 6 mm para 279,9 mm, como ocorreu em Nova Friburgo, constitui uma excepcionalidade que atingiria fatalmente a população em qualquer parte do mundo. Que a falta de previsão da chegada do dilúvio e da precariedade das precauções para proteger milhares e milhares de moradores é uma irresponsabilidade do Estado, quanto a isso não há a menor dúvida. Que uma multidão de pessoas constrói suas moradias em encostas, sobre terrenos arenosos e às margens dos rios e que assim estão sujeitas a desgraças é uma causa tão conhe-



cida quanto à de que chuvas torrenciais ocorrem no começo do ano. Que os governos destinam verbas escassas para a urbanização dos bairros pobres é uma denúncia que volta e meia aparece nas páginas da imprensa – servem às disputas políticas interburguesas.

Sob o impacto das cidades inundadas, dos desmoronamentos, dos rios tudo arrastando e dos corpos sendo resgatados, a imprensa dá o tom de consternação, de solidariedade humana e de críticas à recorrência de tragédias. Arma-se de pesquisas sobre inundações e mortes no Brasil, no Rio de Janeiro e no mundo. Uma enorme campanha é montada para acobertar a raiz do problema, das causas primárias dos acontecimentos. Um batalhão de formadores de opinião lança sobre os olhos das massas oprimidas um véu de lamentações e de explicações que não lhes permitem identificar a responsabilidade da classe capitalista, da exploração do trabalho, do salário mínimo de fome, do desemprego e do subemprego.

Vasto contingente de oprimidos, de pobres, de famintos se aglomera em bairros operários empobrecidos, em favelas e em miseráveis cortiços. Onde vão morar senão nos morros, nas encostas, nas margens dos rios? Constroem desordenadamente suas habitações e sem nenhuma estrutura material e de engenharia. Os salários de fome, o subemprego e o desemprego lhes impõem essas condições. De forma que



as moradias e o espaço urbano não estão preparados para enfrentar a elevação pluviométrica da natureza e a força das águas.

Notem que os bairros da burguesia e da alta classe média edificam-se como uma fortaleza. As condições econômicas dessa camada social colocam a mais avançada tecnologia de construção ao seu dispor, os melhores locais para armar a estrutura habitacional lhes pertencem e a administração pública está inteiramente ao seu dispor. Os ricos se protegem ao máximo frente às possibilidades de catástrofes. E assim o fazem porque como classe burguesa detêm a grande propriedade dos meios de produção. E a alta classe média pode usufruir de parte substancial das riquezas produzidas pela classe operária, pelos camponeses e pelos demais explorados. Está aí por que a tragédia humana do Rio de Janeiro é uma tragédia de classe.

Devemos rechaçar o humanitarismo da burguesia e de seus serviços que usam a imprensa para ocultar a exploração do trabalho. É das relações capitalistas de produção e distribuição de riqueza que emerge o edifício social. A gigantesca concentração de pobres e miseráveis nos grandes centros urbanos e as tragédias resultam dessas relações. As massas estão à mercê da violência de classe dos exploradores e das forças naturais.

As condições materiais e científicas para o homem se proteger das inevitáveis turbulências da natureza são infinitamente maiores do que as do passado. Mas esse homem está dividido em classes. A minoria capitalista e de ricos usufrui dessas condições, enquanto que a maioria não.

Era para a população ganhar as ruas e invadir os bairros burgueses em defesa de suas vidas. Era para se levantar contra os governos dos ricos. Era para rechaçar o humanitarismo hipócrita das instituições burguesas. Era para arrancar dos governantes a proteção imediata das famílias atingidas. Mas porque assim não acontece? Porque a classe operária está desorganizada. Porque os camponeses do MST perma-



necem isolados da classe operária. Porque as vastas camadas pobres da classe média urbana não vêem uma saída política que somente o proletariado pode apresentar.

A CUT está estatizada pela política do PT. Os sindicatos se acham tolhidos pela burocracia vendida. As associações de bairro servem à política eleitoral dos partidos burgueses. A classe que pode combater a barbárie capitalista – a mortandade no Rio de Janeiro é uma de suas manifestações – é a classe operária. O seu controle político e organizativo pelo PT e pela burocracia sindical é um poderoso obstáculo.

Acontecimentos como as do Rio de Janeiro indicam que a tarefa fundamental é de construir o Partido Operário Revolucionário, cujo programa é o da revolução social, ponto de partida para liquidar o poder da burguesia e acabar com os privilégios de classe. Com a propriedade dos meios de produção coletivizada, os trabalhadores poderão planejar uma nova sociedade e começar imediatamente a resolver os problemas fundamentais da miséria, da fome, da moradia, da saúde e da educação.

- **Operários, camponeses, classe média oprimida e juventude, não nos percamos nas lamentações demagógicas da burguesia, não aceitemos as explicações esfarrapadas espalhadas pela imprensa!**
- **Explorados, apontemos a classe capitalista e seu sistema social como responsáveis pela tragédia humana do Rio de Janeiro!**
- **Exijamos uma imediata ação de defesa das famílias atingidas!**
- **Levantemos uma plataforma de reivindicações em defesa do emprego a todos, de implantação do salário mínimo vital e de verdadeiras moradias!**
- **Lutemos para acabar com a sociedade de classe!**
- **Construamos o partido da revolução proletária!**



14/Janeiro/2011